

IPPUR

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional
Universidade Federal do Rio de Janeiro



UFRJ

Especialização em Planejamento e Uso do Solo Urbano

Artigo Final



Título

O Imaginário Urbano em Juiz de Fora
“uma cidade é não só topografia, mas também utopia e delírio”

Orientadores

Prof. Robert Moses Pechman
Pos Doutor pela Ecole dês Autes Etudes

Prof^a. Eliana Kuster
Mestre em Estruturas Ambientais Urbanas (FAU/USP)

Aluno

Sílvio Rogério Fernandes

**Rio de Janeiro
2008**

SÍLVIO ROGÉRIO FERNANDES

**O IMAGINÁRIO URBANO EM JUIZ DE FORA OU
“UMA CIDADE É NÃO SÓ TOPOGRAFIA, MAS TAMBÉM
UTOPIA E DELÍRIO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Planejamento e Uso do Solo Urbano do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Especialista em Planejamento e Uso do Solo Urbano.

Orientadores: Prof. PhD. Robert Moses Pechman
Profª. Ms. Eliana Kuster

Rio de Janeiro
2008

ficha catalográfica

F363o Fernandes, Silvio Rogério.

O imaginário urbano em Juiz de Fora ou uma cidade não é só topografia, mas também utopia e delírio / Silvio Rogério Fernandes. – 2008.

37 f. ; 30 cm.

Orientador: Robert Moses Pechman.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.

Bibliografia: f. 35-37.

1. Cidade e vilas. 3. Urbanismo. 4. Imaginação.
5. Imaginário. 6. Juiz de Fora (MG). I. Pechman, Robert Moses. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional. III. Título.

CDD: 711.4098

Dedico este trabalho,

Aos meus pais
Luzia e
Geraldo Fernandes

À
Jovana
Vítor e Tiago

AGRADECIMENTOS

Aos

professores do IPPUR

orientadores

Prof. PhD. Robert Moses Pechman

Prof^a. Ms. Eliana Kuster

colegas de curso e
de trabalho

funcionários da
Escola de Governo da Prefeitura de Juiz de Fora

À

Ilma, da Biblioteca do CES

Heliane, da Biblioteca Murilo Mendes

Adriana, do Museu de Arte Moderna

Fátima, da Funalfa

Chicão, do Arquivo Histórico Municipal

Sociedade Antônio Parreiras

Ana Paula Bartholomeu

Deyse

Luiza

Claudia Regina

Luciana

Rita, Mariana e Ana Luisa

RESUMO

Juiz de Fora, no final do século XIX e início do século XX chegou a ser a cidade mais importante de Minas Gerais, devido ao forte crescimento industrial conseguido durante a época em que era chamada de Manchester Mineira. Com a criação de Belo Horizonte, a cidade continuou a progredir até a crise econômica de 1929, quando a economia dos municípios mineiros ligados à cafeicultura sofreu grande abalo. A partir daí, Juiz de Fora conheceu períodos de desenvolvimento, como na década de 70, e recessão, como nas décadas de 40 e 80. Em consequência das oscilações na economia e, também, de outros fatores políticos e sociais, a cidade foi criando mitos que ficaram impregnados na alma de seus habitantes, como o do baú de ossos, que associa sua imagem à estagnação e decadência, possível de ser percebida até na rua Halfeld. Contudo, é possível ver a cidade como construção simbólica e compreendê-la a partir da ficção e de obras de arte produzidas de 1930 aos anos 2000, verificando os impedimentos e facilidades para a concretização do seu imaginário. O objetivo deste artigo é resgatar antigas narrativas de ficção, crônicas e obras de arte, revolvendo as camadas de sedimentos que o tempo acumulou sobre a cidade de origem, mas que ajudam a compreender melhor a cidade atual e contribuir para a construção da cidade do futuro.

Palavras-chave: Imaginário. Ficção. Fluxo. Utopia. Desenvolvimento.

ABSTRACT

The city of Juiz de Fora, at the end of the 19th and beginning of the 20th century, became the most important city in the state of Minas Gerais due to its great industrial growth achieved during the time it was called *Manchester Mineira*. When the state capital, Belo Horizonte, was created; Juiz de Fora continued to develop until the economic crisis in 1929, when the economy of the cities connected to coffee plantations suffered a great shock. From that moment, Juiz de Fora went through development periods, as seen in the 1970's; and recession, as seen in the 1940's and 1980's. As a consequence of the economic oscillations as well as of other political and social factors, the city has created myths that permeated the soul of its inhabitants, such as the chest of bones, which associates its image to stagnation and decadence, which is possible to be seen even in Halfeld Street. However, it is possible to perceive the city as a symbolic construction and understand it from the fiction and works of art produced from 1930 to the years 2000, verifying the hindrances and facilitations to the development of its imaginarieness. The aim of this study is to rescue old fiction narratives, chronicles and works of art; going through the sediment layers that time has accumulated on the origin city, but that help to better understand the city of the present and contribute to the construction of the city of the future.

Key-words: Imaginarieness. Representations. Flow. Utopia. Development.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. Rua Halfeld esquina com Rio Branco - 1930	12
2. Colégio Santa Catarina	13
3. Cine-Theatro Central	14
4 Duas figuras de Guima – 1947	16
5. Mosaico Praça da República	18
6. A Estação Ferroviária (1957) – de Rui Merheb.....	19
7. Desconstrução – de Amaury Battisti.....	20
8. Fábrica do Aziz de Vilcar	21
9. Casal de Paulo Pinto	23
10. Gatos de Lauro Cataldi, 1976	24
11. Retrato do Pintor Clério Pereira de Souza 1984.....	26
12. Fábrica da Mercedes em Juiz de Fora.....	27
13. Shopping Aberto	28
14. Prédio da Editora Dias Cardoso.....	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO URBANO DE JUIZ DE FORA.....	11
1.1 ANOS 30	12
1.2 ANOS 40	14
1.3 ANOS 50.....	17
1.4 ANOS 60	19
1.5 ANOS 70	22
1.6 ANOS 80	25
1.7 ANOS 90.....	26
1.8 ANOS 2000	27
2 A INFLUÊNCIA DO IMAGINÁRIO URBANO NO CENÁRIO ECONÔMICO E POLÍTICO DE JUIZ DE FORA	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

Juiz de Fora sofreu profunda transformação, a partir da década de 30, perdendo a imagem que teve no passado, principalmente no final do século XIX e início do XX, quando foi chamada de Manchester Mineira.

Analisando-a sob o prisma da cidade como construção simbólica, neste artigo se faz uma leitura e tentativa de compreensão, da imagem da cidade, entendida como arquitetura social de um imaginário.

A partir da produção literária e de obras de arte produzida sobre a cidade e seus símbolos, busca-se tatear a cidade como palco, abertura e limite, imagem abstrata e sedutora que é, contribuindo para a discussão da vocação e desenvolvimento da cidade a partir da construção coletiva de seu imaginário, captada pela literatura e pelos artistas em seu olhar sobre seus mitos, símbolos e significados.

O significado de fenômenos, como o mito e a poesia, será, mais que a linguagem, uma valoração simbólica, que percorre a língua e a transcende, algo além do que diz a palavra.

Na percepção social, o inconsciente – espaço da vida psíquica em que se estrutura o simbolismo individual – produz efeitos em várias manifestações e reações imprevisíveis ou imperceptíveis à compreensão consciente.

Na percepção da cidade, há um processo de seleção e reconhecimento que vai construindo esse objeto simbólico chamado cidade e que em todo símbolo ou simbolismo subsiste um componente imaginário.

A percepção imaginária corresponde, assim, a um nível superior de percepção. Elaborar os imaginários não é uma questão de capricho. Obedece a regras sociais muito profundas de densa manifestação cultural.

Para conhecer a imagem do progresso que a cidade tem de si mesma, em contraponto à imagem que oferecia no passado, esta pesquisa estabelece dois eixos: primeiro, visa a levantar dados históricos e informações a partir de teses acadêmicas relacionadas ao tema abordado; segundo, visa à leitura da expressão artística que, reveladora de subjetividades, é naturalmente marcada e intimamente ligada a um dado contexto sócio-espacial. O universo contemplado é o da Juiz de Fora a partir de 1930 até os anos 2000.

Em que pese, porém, a grande tradição artística e a produção literária de Juiz de Fora, não foi encontrado nenhum trabalho sistemático específico que tratasse do desenvolvimento e progresso da cidade sob a ótica do imaginário urbano construído ao longo do período estudado.

Com o fim de visualizar cronologicamente as etapas por que a cidade passou, no Capítulo 1 é narrada a história por ela mesma, isto é, são feitos, em subitens, recortes de textos literários por década, que visam a constituir o todo do capítulo, o qual recebe o título de Formação do Imaginário Urbano de Juiz de Fora. A apresentação dessas informações é acompanhada por uma breve análise, que as confronta com os dados numéricos obtidos, à luz de referenciais teóricos.

No Capítulo 2, é estudada a influência do imaginário urbano sobre o cenário econômico e político da cidade, sendo a Rua Halfeld sua principal tradução. E por fim, nas Considerações finais, alinham-se as informações, no intuito de dar alguma visibilidade ao processo pelo qual passou Juiz de Fora, desde que deixou de ser a conhecida cidade industrial e passou a caracterizar-se como promissor pólo prestador de serviços.

1 A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO URBANO DE JUIZ DE FORA

Juiz de Fora, no final do século XIX e início do século XX chegou a ser a cidade mais importante de Minas Gerais, devido ao seu forte crescimento industrial durante a época em que era chamada de "Manchester Mineira" – por analogia à cidade inglesa, importante centro industrial daqueles tempos.

Com a criação da capital Belo Horizonte, a cidade ainda assim continuou a progredir até o ano da grande crise econômica de 1929, quando a economia dos municípios mineiros ligados à cafeicultura sofreu grande abalo. Juiz de Fora só conheceu novo período de desenvolvimento na década de 70. Durante a década de 1980, a cidade passou por longo recesso econômico; no entanto, nos últimos anos os investimentos voltaram à cidade.

Esse tempo passado e as características peculiares da cidade eram vangloriados pelos escritores locais e até por outros que por aqui passavam, atraídos pelo que Juiz de Fora lhes oferecia, tanto material quanto imaterialmente. Assim foi que a cidade serviu de inspiração a muitos deles, que, como se vê abaixo, num texto em que Murilo Mendes¹, fala sobre o principal mito da cidade, a Rua Halfeld – retratada um pouco antes da citada crise de 1929 – reconhecendo ali não apenas os cotidianos das pessoas, mas captando-lhes a subjetividade, o imaginário:

Escrevo sobre a Rua Halfeld sem situá-la no espaço, ocupando-me somente com as pessoas que a percorrem. Nada a fazer: assim sou eu, ponho sempre em primeiro plano o homem e a mulher. Direi entretanto que a Rua Halfeld é uma reta muito comprida, começando às margens do Paraibuna e terminando além da Academia de Comércio. Nos dois lados levantam-se casas, sobressaindo, pelo menos no meu tempo de menino, a Livraria Editora Dias Cardoso, uma das minhas delícias de então; e a Casa da América, sortida com uma infinidade de objetos e instrumentos de toda espécie; delícia e terror, pois entre eles torqueses, serrotes, martelos, tenazes, tesouras, alicates.

Faço o footing na Rua Halfeld da minha infância e adolescência...
...passam donas de olhos, boca e outras delícias vedadas aos menores de 17 anos... ouço a sirena das fábricas apitando para o almoço; Juiz de Fora, dizem, antecipou-se a São Paulo em certos pontos da industrialização. (MENDES, 1995)

¹ MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. Editora Nova Aguilar SA-1995 (p.957).

Percebe-se, na fala do poeta, sua preocupação humanista: *“interesse-me pelas pessoas”*; pela forma: *“A Halfeld é uma reta muito comprida”*; pela origem das coisas: *“começando às margens do Paraibuna”*; e seu destino final: *“terminando além da Academia de Comércio”*, numa referência metafórica ao Morro do Imperador, como a desejar e intuir o alto destino da cidade. Ao realçar os meios para alcançar esse destino, ao citar os livros de Dias Cardoso e as ferramentas da Casa da América, sugere ao leitor que a busca do saber orienta o seu trabalho. O trecho resume a idéia de que, já naquele tempo, a cidade interessava-se por letras, por cultura, por erudição, tanto quanto por investimentos econômicos, o que se vai evidenciar nos itens a seguir.



Figura 1 – Rua Halfeld esquina com Rio Branco– 1930

1.1 ANOS 30

Mesmo com a crise de 1929 e a Revolução de 30, Juiz de Fora não tinha silenciado o apito de suas fábricas, nem sua vocação para o progresso e o

desenvolvimento, a partir da educação. Raquel Jardim² em “Um Reino à Beira do Rio” , assim descreve Juiz de Fora da segunda metade dos anos 30:

A cidade que conheci tinha o tom vermelho, como a Albi de Toulouse-Lautrec, como a Nova York do começo do século XX com suas casas de brownstones (influências da velha New Amsterdam), da própria Manchester, com suas casas e fábricas de tijolos vermelhos reelaborados e ornamentados (ver Colégio Santa Catarina) pela firma Pantaleone Arcuri. (JARDIM, 2004, p.66).



Figura 2 – Colégio Santa Catarina

Para a escritora, o centro da cidade era cheio de vida e revelações, como diz em sua narrativa.

As manhãs eram uma festa: havia dádivas de uma casa para outra que criadas e criados portavam em cestas cobertas de toalhas de linho, flores, pela Avenida Rio Branco, Alto dos Passos, Rua Santo Antônio e outras na área central.

² JARDIM, Raquel. Um Reino à Beira do Rio, Edições Funalfa, 2004

Nenhum pintor coloriu essas cenas, mas esse momento (fugaz) da cidade, pôs um clarão vermelho em toda a minha vida. (JARDIM, 2004, p.66).

1.2 ANOS 40

Segundo Christina Musse³ (2006, p.88), os anos 40 são um período pouco estudado da história da cidade. Hoje a impressão que fica é a de uma década perdida, em que o núcleo urbano vai se distanciando cada vez mais do padrão de desenvolvimento industrial, a Manchester Mineira vira mito, e por não se organizar política e economicamente para capitalizar-se com a experiência da pequena burguesia, a cidade passa a viver à margem do crescimento do país, extremamente centralizado no Rio de Janeiro e São Paulo.

Nessa década, na cidade do pastiche e dos casarões, houve profusão de prédios *art deco*, que ainda hoje podem ser vistos pelo centro da cidade, como o prédio do Cine Pálace, tombado pelo patrimônio artístico e cultural. Raquel Jardim⁴, depois de assistir à matinê do Cine-Theatro Central, registra, para a posteridade, o sentimento que a acompanha, como que jogando luz no imaginário de quem viveu na cidade na época :

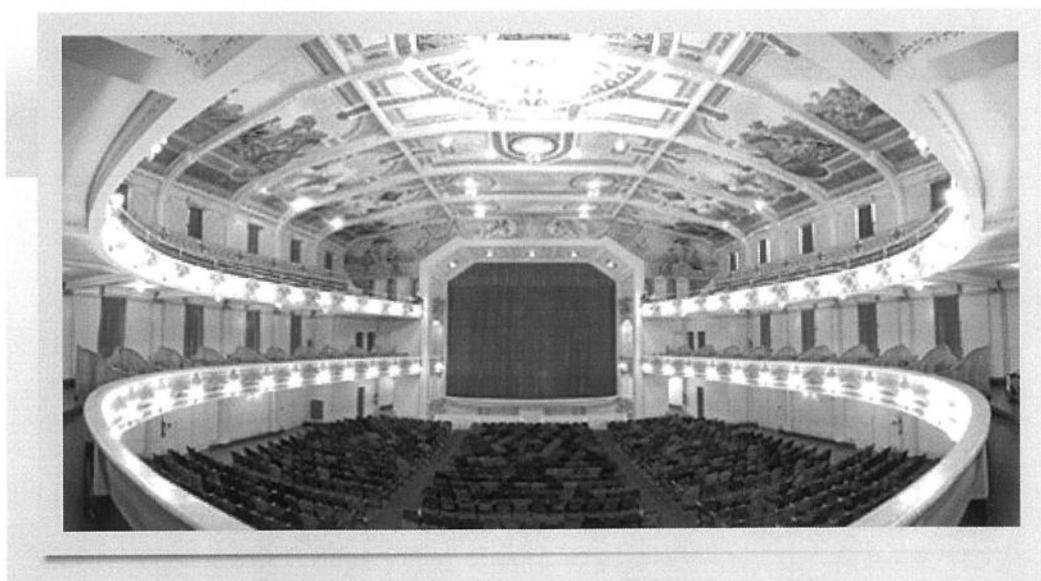


Figura 3 – Cine-Theatro Central

³ MUSSE, Christina Ferraz. Imprensa, Cultura e Imaginário Urbano, 2006, p.43, 44.

⁴ JARDIM, Raquel Jardim. Os Anos 40, José Olympio Editora, 1973.

A vida era mais imaginada do que vivida. Não havia sofreguidão em viver. Havia espera. O ritmo era lento. Um dia me perguntaram – o que vocês faziam em Juiz de Fora, naquela época? Esperávamos. E nessa espera, fora e dentro de nós, as coisas aconteciam (Jardim, 1973, p.9).

É interessante observar que o cinema teve um papel preponderante na formação do imaginário da população. Rachel Jardim costuma dizer, inclusive, que o cinema formou toda a sua geração. Os artistas eram, para ela, como um modelo de comportamento, num tempo em que havia toda uma inocência no ar: “Tempo de guerra, músicas de guerra, os filmes de Hollywood de guerras fantásticas, dando esperança às pessoas para vencer aquela coisa, então, aquele filme era a história”. (Musse, 2006, p.89)

De fato, o cinema funcionava como via de escape e fazia com que os jovens sonhassem, cada vez mais, com paraísos distantes, oásis habilmente construídos por Hollywood, a “Meca” do cinema americano. Seria o início do imaginário diaspórico, que iria caracterizar a emigração na cidade, décadas depois?

No seu livro **Anos 40**, por intermédio da personagem Eulálio, Raquel Jardim percebe os reflexos de uma desaceleração econômica, com narrativa precisa na composição do ambiente da época:

Eulálio era o perfeito Cavalheiro-de-Boston. Não tinha a altivez exagerada de Fernanda. Sempre me lembrou o retrato de Schubert. Ficaria perfeito vestindo as roupas da época. Portava uns óculos sem aro, que lhe assentavam muito bem. Era o oposto do pernóstico, sua educação não agredia ninguém. Não fazia o menor esforço para ostentar qualquer tipo de superioridade, mas esta era perceptível até para uma criança. Tanta naturalidade, chegava a não ser natural.

Nós o adorávamos. Ele era culto, estava a par das coisas, conversava conosco. Foi a primeira pessoa daquela geração com quem conseguimos falar...

E era a Eulálio que eu ouvia, embevecida. Eulálio, médico, dirigia os negócios de toda a família. Tinham grandes fábricas de tecidos e, desde pequena, ouvira falar nelas. Era o industrial, o cientista, o homem culto. Demais para uma só pessoa. O reverso, quando veio, deixou todo mundo tonto. Ninguém podia acreditar. Nós não acreditamos, creio que Sissa não acreditou, nem mesmo Fernanda. Mas com o tempo, a verdade se impôs. Eulálio não teve capacidade de gerir os negócios da família e a levou à ruína. Passou a fazer dívidas enormes. (1973, p.21).

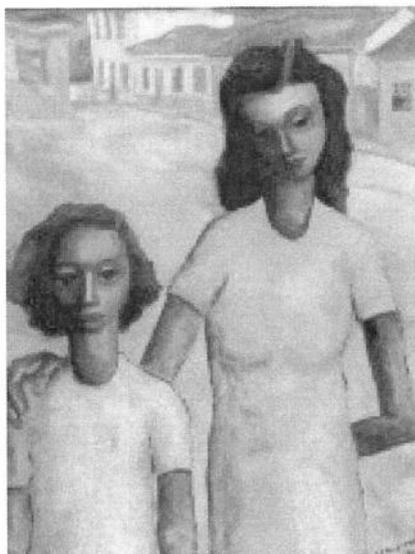


Figura 4 – Duas figuras de Guima – 1947

A narrativa continua, evidenciando o panorama econômico da época:

Perderam tudo. Fez-se um silêncio em torno, o mesmo que há em volta de uma pessoa quando morre. A cidade não comentou, silenciou. Eulálio desapareceu. Hoje consigo entender a sua atitude. Era difícil fugir à sua própria imagem. Lutou terrivelmente para preservá-la, mantê-la viva.

Eulálio sem dinheiro, sem fábrica, sem casa, sem opalines, não era Eulálio. Eulálio sem sala de visita, sem sofá de palhinha, não era Eulálio. Tentando salvar sua imagem, perdeu tudo (1973, p.22) .

O silêncio em torno da personagem é sintomático e paradigmático de uma época em que eram muito cultuadas, na cidade, a imagem e a intelectualidade. Paralelamente à ficção, foi nesse contexto que, em realidade, se fundou, em 1949, a Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora – Fafile, resultado da ação de intelectuais ligados ao movimento católico, participantes da União dos Moços Católicos e do Centro D. Vidal. Em 1968, incorporada à Universidade Federal de Juiz de Fora, a faculdade tornou-se um centro formador da elite intelectual que, nos anos seguintes, iria repensar a cidade.

1.3 ANOS 50

A década de 50 é percebida por olhares distintos de dois cronistas. Se por um lado é vista de forma entusiasmada por Pedro Coimbra Pádua⁵, que olha para o país e reflete suas esperanças, por outro os tempos difíceis batem à porta do homem comum, conforme nos relata Luciano Dutra Neto⁶, que focaliza Juiz de Fora.

Em 01/12/2005, no Portal JFMG, Pádua assim relembra a época:

Foi quando surgiu a Bossa Nova, de Carlos Lyra, Tom Jobim, Vinícius de Moraes; a Seleção Canarinho de Pelé e Garrincha brilhou na Suécia; Adalgisa Colombo foi Miss Brasil, porque era bonita e gostosa; as certinhas do Lalau arrasaram com as beatas e Maria Esther Bueno apareceu como uma das maiores tenistas de todos tempos. O playboy Jorge Guinle conquistava todas as estrelas de Hollywood que apareciam por aqui no Carnaval. O traje exigido em qualquer brincadeira dançante era o terno. Difícil mesmo era ver os joelhos das mulheres...

JK assumiu o poder e com seu Plano de Metas começou a realizar o futuro por todos sonhado.

Por mais defeitos que o presidente tivesse, do Zé Povinho as elites todos se apaixonaram por ele.

De repente o país deixou de ser aquela coisa desenxabida que só aparecia em filmes de segunda categoria de Hollywood.

Ninguém se preocupava mais com Carmem Miranda, seus balangandãs e sua dança sem calcinhas ou com a polegada a mais de Martha Rocha.

De uma hora para outra, ser brasileiro deixou de ser um fato vergonhoso e tornou-se o orgulho dos desesperados.

JK preocupava-se com energia elétrica, comunicações, rodovias modernas e pasmem, até mesmo com a construção de uma nova Capital Federal no Planalto Central.

Já Luciano Neto via e descrevia assim a Juiz de Fora no início da década:

Alertava, entretanto, que muita gente estava chegando da roça, ávida por trocar a roça pelo conforto da cidade grande, com cinemas, bares, geladeiras, e fogões a gás! E, com tanta gente procurando emprego, a situação não estava tão fácil.

Naquela hora, raros eram os automóveis a circular. Além dos bondes, podiam-se ver os leiteiros em suas carroças, anunciando sua passagem com o soar de uma pequena sineta e com os reclames de "Leiteiro!"

⁵ PÁDUA, Pedro Coimbra. Portal JFMG, acessado em abril de 2008.

⁶ NETO, Luciano Dutra. Motorneiro -48, Um passeio no tempo, Edições Funalfa.

Além do leiteiro, era a hora do padeiro e das carroças de lenha. A lenha era muito usada, pois, na maioria das casas, pela manhã, ainda devia-se soprar as cinzas do borrarho nos fogões de alvenaria ou de ferro fundido, para ferver a água do café. Fogões a gás ou elétricos eram raridades!

A luta dobrou! O salário de um motoneiro era modesto. Sua jornada de trabalho era de oito horas. Se começava às cinco da manhã, parava às dez, almoçava e retornava às duas, para completar o turno. Muitas vezes, Dário dobrava o serviço para, com as horas extras, melhorar o salário. Comprara um lote na Serrinha, um bairro novo da cidade e, devagar, ia levantando uma casinha. Mesmo sem terminar tudo, para fugir do aluguel, mudaram-se para a nova casa. Foram dias difíceis, não havia água encanada na rua, era preciso trazê-la na lata, da mina no pé do morro. Esta era uma das tarefas diárias de Dalva, a fiel companheira! Crianças pequenas, poucos recursos, muita luta, mas a certeza de que um dia venceriam. (2007, p.12,30)

Vê-se, pela comparação dos discursos dos dois cronistas, uma distância enorme, caracterizando posições aparentemente antagônicas, mas na realidade, complementares, na formação do imaginário urbano.

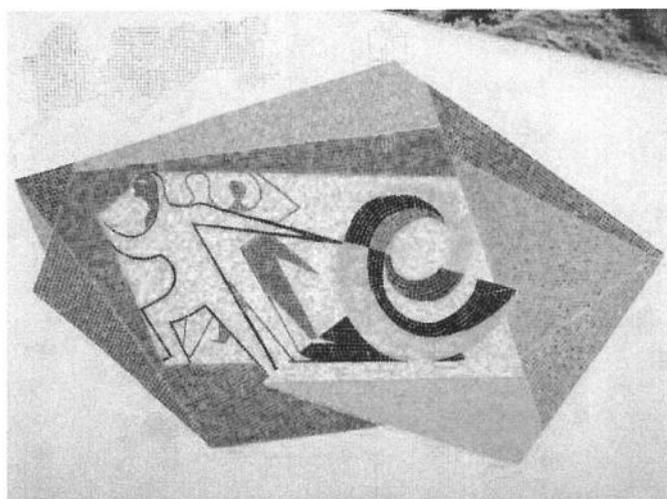


Figura 5 – Mosaico Praça da República

Em meio à conturbada vida econômica, a cidade participava, contudo, da efervescência da vida artística do país. O Primeiro mosaico modernista em vidrottil criado em praça pública, desenhado por Emiliano Di Cavalcanti e projetado por Arthur Arcuri, foi aqui erigido em 1951. Marco do Centenário de Juiz de Fora, o monumento fica na Praça da República, no Bairro Poço Rico.

A partir dos anos 50, Juiz de Fora enfrentaria sérias deficiências de infraestrutura (energia, transporte, telefonia e abastecimento de água e saneamento) que se constituiriam em entraves ao processo de industrialização.

A obra Estação Ferroviária, de 1957, reproduz o isolamento da cidade em relação à dinâmica do país nos anos 50 – a estação está vazia:



Figura 6 – A Estação Ferroviária (1957) – de Rui Merheb

1.4 ANOS 60

A jornalista Christina Musse descreve assim os anos 50 em Juiz de Fora:

Se o processo de “desindustrialização” já vinha se acentuando desde a década de 40, se a cidade atravessa os anos 50, vendo ser reconfigurada a sua vocação, isto é, ela vai abandonando o mito de Manchester e assumindo paulatinamente o perfil de cidade terciária e prestadora de serviços, os anos 60 trazem o golpe de misericórdia, isto é, praticamente enterram uma cidade e recriam outra, à imagem e semelhança das novas elites que chegam ao poder. (MUSSE, 2006,109).

Ao mesmo tempo, de forma paradoxal, esse período se caracteriza como um dos mais ricos e curiosos da produção cultural da cidade. Em todos os relatos da época, há uma relação muito intensa, romântica mesmo com a cidade, há uma “ocupação afetiva do espaço público” (Musse,2006).

Nessa década, uma questão fundamental muda o cenário da cidade: a do transporte urbano. O governo local, do engenheiro Itamar Franco, acaba com a circulação dos bondes na cidade. Se se entender o bonde e o trem como metáforas de uma época, tem-se aí, como bem lembra o professor Gilvan Procópio Ribeiro, a “morte do passado de Juiz de Fora”. A passagem definitiva da máquina a vapor para o motor a gasolina implicaria uma nova relação com o espaço e o tempo.

Esse sentimento de “desconstrução” é captado pela pintura de Amaury Battisti, que remete o observador a algo que não se quer mais, mas que, também, ainda não foi plenamente definido – um algo, um fim, um norte, ao qual nem se sabe se se quer mesmo chegar.



Figura 7 – Desconstrução – de Amaury Battisti

Por outro lado, a crise econômica e política brasileira dos anos 60 acentuou os problemas da indústria local, pois muitas não conseguiram sobreviver. Assistiu-se ao aparecimento de pequenas e médias empresas, principalmente do setor de malharia e confecção. A partir também do governo de Itamar Franco (1968/1972),

inicia-se um processo de reequipamento da infra-estrutura da cidade (Distrito Industrial de Benfica e sistema de telecomunicações e abastecimento de água), com o que se objetivava reverter o quadro de estagnação econômica de Juiz de fora. (SUZANA BASTOS⁷, 2004, p.7).

A Fábrica de Aziz no campo da Leopoldina de Vilcar, bem pode simbolizar as pequenas indústrias que surgiram na década de 60, para compensar tal estagnação econômica.

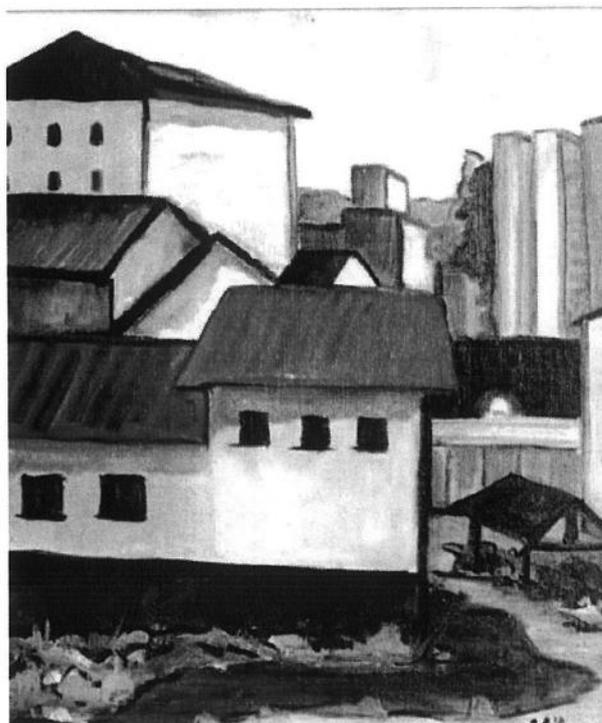


Figura 8 – Fábrica do Aziz de Vilcar

Paralelamente, o jornalista e escritor Ivanir Yaszbeck⁸, descreve assim a Halfeld dos anos 60:

Era esse o clima no primeiro domingo de agosto deste ano de 1961 e, apesar do frio dos diabos e da chuva enjoada que despencava do céu cinza-chumbo, havia na rua principal um movimento que não se via desde o início das férias de julho. Contrastando com o cenário nevoento, destacava-se um colorido elegante e alegre nas pessoas, protegidas por agasalhos e capas de chuva, se esbarrando sob as marquises. Os carros circulavam com os faróis acesos, embora ainda não fossem quatro horas da tarde. O reflexo das lanternas

⁷ BASTOS, Suzana. Notas de Aula . Análise do Desenvolvimento Industrial e dos desafios colocados pela implantação da Mercedes-Benz.In: XI Seminário sobre Economia Mineira, 2004, Diamantina (MG).

⁸ Yaszbeck, Ivanir. Pobre Rua Halfeld. Disponível em <http://www.acesa.com/agenda/2007-08-31-Ivanir.php>

riscando o asfalto molhado misturava-se ao dos letreiros néon das lojas comerciais. Se há uma coisa bonita em dia de chuva é esse efeito de cores no espelho em que se transforma o asfalto. Eu pelo menos acho.

E continua o escritor, detalhando outro episódio:

Eu me lembro de um mini-cassino armado em uma sala do Clube JF. O jogo de dados corria solto, alta madrugada. Na banca, Michel Cury – o Michel da Casa Rainha – perdia horrores, quando sirenes do Corpo de Bombeiros atraíram os jogadores às janelas para ver o que estava ocorrendo. “Tá pegando fogo em algum lugar aqui no prédio” – um deles anunciou alarmado. Ao que Michel conclamou imperturbável: “Vamos voltar ao jogo, minha gente. Nossos bombeiros sabem o que fazem. De mais a mais, em Juiz de Fora nem incêndio vai para a frente (YASZBECK, 2005, p. 94).

Como se vê, o escritor observou com perspicácia um sentimento presente no imaginário da época: para o homem comum, as coisas aqui não iam para a frente.

1.5 ANOS 70

Sobre essa década, é Christina Musse quem coloca:

O que nos parece de extrema relevância para a época, e para a configuração da cidade nesse período, é o fato da ocupação do espaço público se dar de forma ativa e transformadora. E os estudantes eram muito responsáveis por isso. As faculdades eram separadas, mas tudo afunilava para a rua Halfeld, depois das aulas que terminavam às onze, onze e meia, aí, ia todo mundo para lá! Apesar das instituições serem separadas, todos se conheciam. Juiz de Fora, apesar de não ser mais a Manchester Mineira, poderia ser considerada uma “cidade cultural”. (MUSSE, 2006, p.107s)

Vê-se, aí, reafirmada outra vocação da cidade: a de cidade cultural.

Certamente, essa foi a impressão mais forte da cidade que ficou na memória de Luiz Sérgio Henriques, quando saiu da vizinha São João Nepomuceno e chegou a Juiz de Fora para estudar. Em entrevista em 2005, ele dizia perceber algo de cosmopolita na cidade: “[...] as discussões políticas, a guerra do Vietnã, a invasão de

Praga. Aquilo tudo eu vivia na rua Halfeld. A rua Halfeld era um fórum, diferente do que é hoje". (Musse 2006, p.117).

Henriques ressalta, ainda, que a rua era um lugar de socialização. Hoje, ao contrário, é um espaço que, quando revisitado, não provoca mais a mesma emoção:

Você descia para a rua Halfeld e sabia que ia encontrar grupos específicos e, até hoje, quando eu vou na rua Halfeld, eu fico procurando os meus velhos amigos e não os encontro. (Musse, 2006, 118).

Os estudantes se reconheciam naquele espaço, havia menos pressa, as pessoas paravam para trocar idéias, conversar. O curioso é que cada grupo se identificava com determinado lugar. As pessoas se reuniam nas casas, nos bares, nas praças, nas escolas. Andavam, andavam muito e conversavam papos intermináveis. É curioso observar que a imagem do jovem que caminha, e que nessa caminhada repassa a vida ou polemiza sobre o mundo, é uma lembrança constante entre aqueles que viveram aqui no final dos anos 50 até o final dos anos 70.

Andar pela Avenida Rio Branco, da antiga Rodoviária ao Bom Pastor e vice-versa, umas três vezes, era a última tarefa de muitos antes de dormir. Conversavam, paravam para um café, choravam pelo amor não correspondido ou davam socos no ar de alegria por uma noite bem sucedida com a amada. É o que retrata Paulo Pinto:



Figura 9 – Casal de Paulo Pinto

A estudentada também costumava se reunir no Jota Chopp, na rua São João, que funcionava mais como boate. Depois, o pessoal da Faculdade de Direito começou a se encontrar no Chanan, na Av. Getúlio Vargas e, ali,

houve reunião política no duro. Nós começamos a trazer artistas e intelectuais de fora, Chico Buarque de Holanda, Mário Lago. Essa turma toda, quando vinha se apresentar aqui, freqüentava o Chanan, depois. (Musse, 2006, p.122).

O Chanan, freqüentado por estudantes universitários e intelectuais, era basicamente um botequim. Suas paredes logo ficaram repletas de assinaturas de artistas que passavam por Juiz de Fora; porém, mais tarde, foram pintadas, quando o boteco se transformou em choperia.

Além disso, havia os cafés: o Salvaterra, na praça João Pessoa, vizinho ao Cine-Theatro Central, ponto dos estudantes secundaristas, e o Astória, na esquina da rua Halfeld com a Av. Rio Branco, onde se encontrava a turma mais intelectualizada.

Apesar da repressão, os estudantes participavam intensamente da vida cultural. Na pintura, Lauro Cataldi captava a verticalização dos prédios de escritórios evidenciando a transformação da cidade em prestadora de serviços.



Figura 10 – Gatos de Lauro Cataldi, 1976

Por outro lado, a tradição escravagista do café e o pioneirismo capitalista das fábricas iam sendo substituídos pelo fluxo do capital financeiro, pelo poder das elites

emergentes, grupos ligados à construção civil e às empresas de transportes urbanos, comprometidos exclusivamente com o lucro, que passavam a ditar as regras da cidade. Abrem-se avenidas, retiram-se os bondes, derrubam-se os velhos casarões, tudo em nome do tráfego, do trânsito ao qual a cidade devia se curvar. É nesse período que se pode localizar a ruptura com todo um curso da história, que viria a desordenar o espaço urbano e impor, ao longo das décadas seguintes, novas formas de interação entre o homem e a cidade.

Para Suzana Bastos, as negociações políticas, reforçadas por incentivos fiscais e creditícios, foram importantes para atração de dois investimentos de vulto do setor metalúrgico para a cidade: a Siderúrgica Mendes Júnior e a Companhia Paraibuna de Metais, que entrariam em operação, respectivamente, em 1984 e 1980.

Embora os dois projetos industriais tenham contribuído para a ampliação da produção industrial, diversificação da estrutura produtiva e aumento do nível de emprego e da massa salarial local, ambos constituíram fenômenos isolados, pois não geraram um conjunto de empresas encadeadas aos processos produtivos que viabilizassem a expansão do efeito multiplicador de renda e emprego no município.

1.6 ANOS 80

Durante os anos 80, o movimento de atração de empresas perdeu fôlego, devido à crise econômica nacional. A estratégia de política industrial adotada na cidade foi a de respeitar a vocação local e regional, através do estímulo às pequenas e médias empresas (SUZANA BASTOS, 2004, p.11).

Conhecida, no imaginário nacional, como a década perdida, os anos oitenta nos mostram que o milagre acabou, a fonte secou. Nós que éramos tão orgulhosos de nossas conquistas e proezas, principalmente no futebol, de repente ficamos sem graça, sem cara, sem rosto, ou melhor, com o rosto desfigurado, como o retrato do Pintor Clério Pereira de Souza, 1984, de autoria de Roberto Vieira, assustado, meio horrorizado.



Figura 11 – Retrato do Pintor Clério Pereira de Souza 1984

1.7 ANOS 90

Para Suzana Bastos, em meados da década de 90 um novo esforço de retomada de desenvolvimento econômico da cidade é realizado pelo governo municipal. Essa estratégia da prefeitura, que se consubstanciou na vinda da montadora Mercedes-Benz, do setor metalúrgico, subsetor automotivo (material de transporte) para Juiz de Fora, se assemelhava com a tentativa de reindustrialização da cidade na década de 70.

Criara-se uma expectativa de que seria gerado um grande número de empregos, diretos e indiretos, e que o investimento da montadora acarretaria, para a região da Zona da Mata mineira e a microrregião de Juiz de Fora, a retomada do desenvolvimento econômico.

Em abril de 1996, após um longo período de negociação, a Mercedes-Benz inicia a instalação de sua unidade industrial em Juiz de Fora. Entretanto, apesar da grande expectativa, de forma semelhante à estratégia de desenvolvimento econômico implantada em Juiz de Fora nos anos 70, o empreendimento também não gerou os efeitos multiplicadores esperados e os impactos foram limitados na cidade, sendo incapaz de reverter a queda do produto, de ampliar o nível de

emprego e, conseqüentemente, de modificar a tendência de estagnação econômica e de decadência de Juiz de Fora.

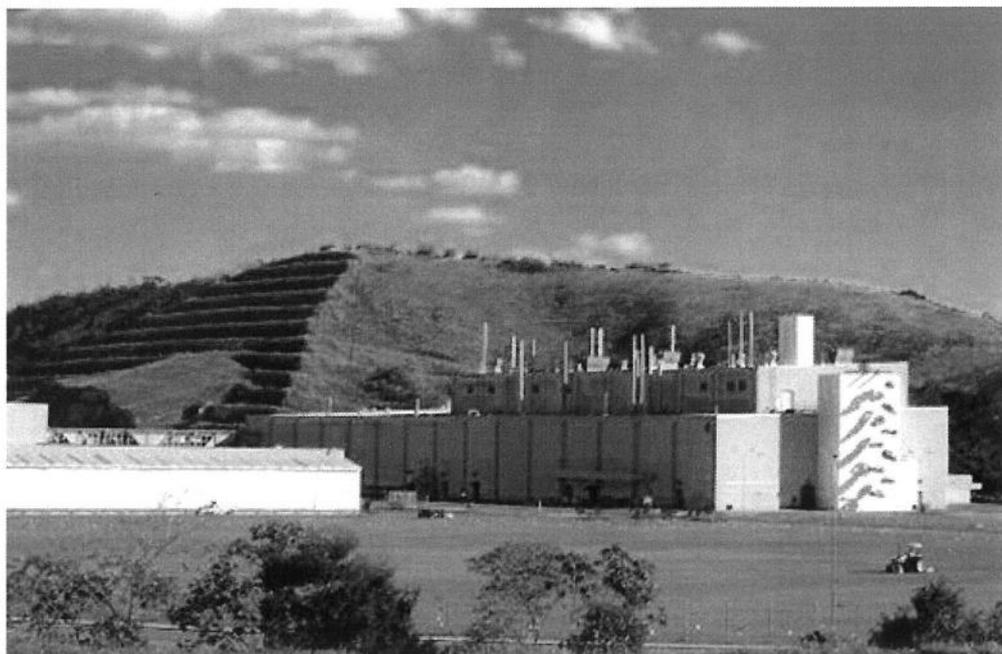


Figura 12 - Fábrica da Mercedes em Juiz de Fora

1.8 ANOS 2000

Também para a jornalista Christina Musse, que cita Canclini⁹ (1999, p.14), se encontram informações sobre a transformação das cidades americanas de porte médio, que podem ser traduzidas para Juiz de Fora:

Um dado revelador é a perda da importância da cidade dentro de sua concepção européia, como núcleo da vida cívica e comercial, acadêmica e artística, uma evidência que o autor constata nas cidades americanas, mas que pode ser facilmente traduzida para as metrópoles e cidades médias brasileiras, em que as elites se isolam em condomínios fechados e shopping centers, cada vez mais afastados do centro; evitam caminhar a pé pelas ruas, usar transporte coletivo, ou dirigir o carro de vidros abertos. (MUSSE, 2006, p.36)

⁹ CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4.ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999. 290p.

Mas, os pobres:



Figura 13 – Shopping Aberto

Canclini reconhece que algo de novo surge nesse cenário caótico, ao se referir à desintegração das megacidades e de tantas cidades médias latino-americanas:

As grandes cidades do continente, que os governos e os migrantes camponeses imaginavam até há poucos anos como avanços de nossa modernização, são hoje os cenários caóticos de mercados informais nos quais multidões procuram sobreviver sob formas arcaicas de exploração, ou nas redes da solidariedade ou da violência (1999, p. 18).

Expressão dessa cidade é o poema “Enredo”, retirado do Livro Mestre-sala, de Edmilson de Almeida Pereira¹⁰ (2008):

A varanda desceu a escada de incêndio e deparou com o serviço da vida nas ruas. O lagarto, a cárie, os coletores de ferro velho e o espírito da floresta rabiscam a geografia da cidade. O que era amendoim na infância, dizem ser passatempo natural. Por um real se vende, com mil esperanças se compra. Ao braço que falta, uma camisa. Ao cego o acordeon com que nos enxerga. O lagarto, a cárie, os coletores de ferro velho e o espírito da floresta estão infernos. Vamos com eles salvar a pluma do lixo.

Segundo Christina Musse, hoje, quarenta anos depois,

¹⁰ PEREIRA, Admilson de Almeida. Enredo. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000300029&script=sci_arttext

ao caminhar pela rua Halfeld, vemos poucos estudantes e intelectuais, mas muitos ambulantes; raros cafés, mas muitos bancos, financeiras e lojas comerciais. O Cine-Theatro Central ainda está lá, “travestido” de flocos brancos, que lembram a neve de um Natal distante. Novas lealdades foram construídas no contexto da tecnologia e da globalização. Certamente, discute-se menos Godard com o vizinho, mas se fala sobre Harry Potter, nas salas de bate-papo da internet, ou se constroem “redes de amigos” pelo Orkut. Não desejamos, aqui, resgatar uma imagem congelada e nostálgica da cidade da memória. (2006)

Se houvesse esse desejo, grande seria o risco de se tentar transformar Juiz de Fora em Zora, a cidade “imutável” narrada por Ítalo Calvino:

Mas foi inútil a minha viagem para visitar a cidade: obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, Zora definiu, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo (1999, p.20)

Continuando a fala de Musse:

Certamente, ao se resgatar antigas narrativas sobre a cidade, preferencialmente aquelas veiculadas no espaço midiático, são revolvidas as muitas camadas de sedimentos que o tempo acumulou sobre a cidade de origem, mas que ajudam a compreender melhor a cidade atual.

Um trabalho arqueológico pode revelar muitas outras “cidades” ou “cidades narradas” ou “estórias da cidade” ou “fabulações”. Esse é, sem dúvida, um exercício de memória e de interpretação, que leva a uma compreensão de como se constrói a imagem da cidade ou das muitas cidades possíveis e imagináveis, embora algumas continuem invisíveis. (2006, p.44).

2 A INFLUÊNCIA DO IMAGINÁRIO URBANO NO CENÁRIO ECONÔMICO E POLÍTICO DE JUIZ DE FORA

A Juiz de Fora de 1930 é fruto de uma industrialização decorrente de vários fatores, como sua localização, serviços de transporte, produção de café na Zona da Mata, imigração etc. Daí, naquele tempo, absorvera bem as conseqüências da grande crise de 1929.

Com a industrialização, produziu uma elite letrada, sofisticada e culta, desde o início do século até as décadas de 30 e 40, responsável pela construção de um imaginário de progresso materializado pelos casarões ecléticos e palacetes da Avenida Rio Branco e Alto dos Passos e inúmeras edificações *art nouveau* e *art deco*, espalhadas pela cidade, antecipando conceitos modernistas que marcam o cenário urbano até os dias de hoje, mas que entra em crise no final dos anos 40, como descrito por Raquel Jardim, por meio da personagem Eulálio.

Na década de 50, Juiz de Fora conheceu uma esperança de renovação com a administração do presidente Juscelino Kubitschek e seu Plano de Metas, mas pouco dele pode se beneficiar, em parte por deficiências de infra-estrutura em energia, transporte, serviços de água etc..

O sentimento que circulava na década é representado pelo monumento modernista de Arthur Arcuri, que projetou muitas outras obras arquitetônicas modernas nesse período, sendo seu principal expoente.

As décadas de 60 e 70 caracterizam-se por um *glamour* decadente, de um lado, e pela ascensão de novas classes dominantes, de outro. É aqui implantada uma arquitetura vertical, quadrada e padronizada; abrem avenidas, ao mesmo tempo que se faz uma retomada de industrialização para atender ao II PNB; e vive-se uma efervescência social, política e cultural, própria dos extremos da época.

A economia da cidade, transformando-se de industrial para a de prestação de serviços, possibilita a busca de novas identidades, mas, o processo de passagem para outras dinâmicas de fluxos é lento e traz riscos. Como o restante do país, fica em compasso de espera, apesar da entrada em operação das duas grandes indústrias instaladas na década anterior.

Os anos 90 é marcado por nova tentativa de desenvolvimento e resgate da imagem de cidade industrial, com a implantação da Mercedes-Benz, mas,

novamente, não se criam condições para o surgimento de uma cadeia produtiva encadeada na região, o que gera mais uma vez uma sensação de frustração.

Assim, Juiz de Fora, no decorrer de sua história, cresce através de impulsos de industrialização com momentos de observação e escuta, como uma subida em degraus, que é absorvida e integrada ao imaginário urbano e captada pelos seus artistas, através da literatura, da pintura e das artes em geral. Daí, a importância da leitura desse material que mais perto conforma toda uma orquestração simbólica, atuante e constituinte do imaginário urbano:

Em *Cidade Imaginada: Imaginários Urbanos*, no capítulo 3, diz Armando Silva¹¹ (2001, p.43s.):

Quando a consciência representa o mundo de forma indireta, quando por uma ou outra razão a coisa não pode ser representada de carne e osso à sensibilidade, neste caso o objeto ausente é representado diante dela por uma imagem.

Quando o significado não pode ser representado como coisa específica, uma palavra exata ou uma descrição única, chega-se então à imaginação simbólica.

Em outras palavras, o símbolo ocorre “nas expressões de duplo ou múltiplo sentido”, daí porque o símbolo exige a sua interpretação (RICOER, 1970, p.15).

Christina Musse expressa um pensamento pertinente sobre a construção do imaginário local:

A mobilidade e o fluxo constante, possíveis através das novas tecnologias, traduzem-se numa sociedade mais aberta e interconectada, mas apagam memórias, transtornam o sentido do tempo e a percepção do espaço, ameaçando as identidades, pois é nelas que se configuram os imaginários em que se plasmam os novos sentidos que, em sua heterogeneidade, hoje cobrem tanto o local quanto os modos de pertencimento e reconhecimento que fazem a identidade nacional (MUSSE, 2006, p.43, 44)

Na esteira desse pensamento, Martín-Barbero¹² estabelece uma diferença significativa entre o que chama de culturas letradas, ligadas à língua e ao território, e as culturas eletrônicas, que respondem por novos modos de perceber e narrar a identidade:

¹¹ SILVA, Armando. *Cidade Imaginada: imaginários Urbanos*, Editora Perspectiva, 2001, São Paulo.

¹² MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Cidade virtual: novos cenários da comunicação*. Comunicação & Educação, São Paulo, 11, p. 53-67, jan./abr. 1998.

“Identidades de temporalidades menos extensas, mais precárias, mas também mais flexíveis, capazes de amalgamar e fazer conviver ingredientes de universos culturais muito diversos” (1998, p. 59).

De acordo com o autor, o que regula, hoje, o caos urbano é o paradigma da comunicação, centrado no fluxo. Isso pode ser traduzido por “tráfego ininterrupto, interconexão transparente e circulação constante de veículos, pessoas e informações” (op.cit., p. 59). Daí, o planejamento urbano das cidades que privilegia a circulação pelas auto-estradas, viadutos, pontes e túneis, os “não-lugares”, de Marc Auge¹³: “A verdadeira preocupação dos urbanistas não será, portanto, que os cidadãos se encontrem e sim que circulem, porque já não se quer os cidadãos reunidos e sim conectados” (idem, *ibidem*).

Martín-Barbero conclui que esse paradigma da comunicação ou do fluxo leva à “des-especialização, ao des-centramento e à des-urbanização”, ou, em outras palavras, ao esvaziamento da cidade “real” ocupada pelos cidadãos, em prol da fabulação, que “a constante mediação e entrecruzamento de informações e de imagens produz” (*ibid.*, p. 60).

Ainda em Armando Silva:

Uma cidade é local, aquele lugar privilegiado por um uso, mas também é local excluído, aquele lugar despojado de normalidade social por um setor social. Uma cidade é dia, o que fazemos e percorremos, e é noite, o que percorremos, mas dentro de certos cuidados e certas emoções. Uma cidade é limite, até onde chegamos, mas também é abertura, desde onde entramos, uma cidade é imagem abstrata, a que nos faz evocar algumas de suas partes, mas também é iconografia no cartel surrealista ou uma vitrina que nos faz vivê-la a partir de uma imagem sedutora. Uma cidade, pois, é uma soma de opções de espaços, desde o físico, o abstrato e o figurativo até o imaginário. (SILVA, 2001. p. 78).

É pela via do simbólico que a rua Halfeld alcança grande parte de sua importância em Juiz de Fora. Abaixo, por exemplo, a Halfeld do passado e dos nossos tempos atuais, é vista assim pelo cronista Ivanir Yaszbeck::

Quando criança, ir à Rua Halfeld, pelas mãos de meus pais, significava vestir a melhor roupa para um dia de festa, pois o destino seria ou uma matinê nos cinemas Central, Pálace ou Glória, ou um lanche nas Lojas Americanas ou, melhor ainda, as duas coisas. Fazia parte, também, da festa, admirar as vitrines elegantes das lojas comerciais, e as das multicoloridas bomboniéres que davam água na boca só de olhar o seu interior: Kopenhagen e Casa Suíça (assim mesmo, com dois esses).

Mais crescido, fazia ponto no Bar e Café Salvaterra, em estilo parisiense, esquina da Praça João Pessoa (em frente ao Central),

¹³ AUGÉ, Marc. (1994), citado em Musse, 2006, p.44.

referência para outra turma de jovens, e posto de observação privilegiado sobre o movimento que se desenrolava na rua - tantos dos transeuntes quanto dos carrões que desciam. Nos domingos à noite era o sobe e desce dos *footings* - uma diversão em forma de passeio, cujo pretexto maior era flertar e arranjar namorada(o).

Meu primeiro emprego foi no semanário Binômio, de cuja redação, no 5º andar do Edifício do Clube Juiz de Fora, admirava o movimento da Halfeld, do início, aos pés do Morro do Cristo, ao fim, na Praça da Estação.

Lembro-me da Halfeld como palco de grandes concentrações e acontecimentos, como nos dias de carnaval, quando milhares de pessoas se espremiavam no trecho compreendido entre a Rio Branco e a Batista de Oliveira, para desfilarem seus blocos, fantasias e alegrias ou admirá-los e aplaudi-los.

Eu me lembro... e felizes recordações dos bons tempos da Halfeld é que não faltam. Algumas me serviram, como escritor, ao desenrolar de episódios, em dois livros: "A noite em que Jane Russell morreu" (1990) e "Uma noite no Raffa's" (2003).

(...)

Volto à realidade dos dias atuais, e lanço um desafio literário aos leitores: ganha um doce quem conseguir descrever um clima romântico na Halfeld atual, vulgo Calçadão, com o mesmo charme do trecho acima, modéstia à parte...

Penso ser uma missão impossível, por mais criativo que o autor seja, encontrar palavras suaves e poéticas na composição do panorama, sem citar os horrendos globos que fornecem a iluminação noturna, imundos e irregulares, suas hastes descascadas e enferrujadas, misturados aos agressivos letreiros comerciais se encavalando uns sobre os outros, em espaços além do permitido por lei, compondo um cenário de uma feiúra extrema.

Odeio-os, e me aflora esse sentimento cáustico cada vez que subo a Halfeld, e observo que a antiga sede da Prefeitura, na esquina da Rio Branco, ou mais além, o Morro do Cristo, estão ocultos por gigantescos letreiros comerciais de duas lojas, na área próxima do Edifício do Clube Juiz de Fora, que avançam no sentido horizontal pelo Calçadão.

Comparando as narrativas de Murilo Mendes e Ivanir Yaszbeck sobre a Rua Halfeld, respectivamente nas décadas de 30 e nos tempos atuais, percebemos, na narrativa de Mendes uma aproximação maior com os personagens e símbolos urbanos, o que não acontece com Yaszbeck, impedido dessa relação intimista pelas placas de propaganda que impedem sua visão do Morro do Imperador, num tempo marcado pela invasão do consumismo.

A rua Halfeld continua uma reta, menor caminho entre dois pontos, mas funciona como fluxo contínuo de pessoas, mercadorias e informação, iniciando às margens do rio Paraibuna – tão poluído – e terminando depois da Academia de Comércio, após árdua subida, aos pés do Morro do Imperador, maior símbolo local,

com sua visão ameaçada não só pelas placas, mas, também pelo avanço dos “condomínios fechados”, no seu entorno.

Porém, “uma cidade é não só topografia, mas também utopia e delírio” (Silva, 2001, p.78).

As ferramentas da Casa América, símbolos de tecnologia, ainda são úteis para a construção da cidade imaginada por seus habitantes, apoiadas pela educação, numa sociedade de conhecimento e cultura, transmitida pelos livros da Dias Cardoso que não existe mais, senão como metáfora de um sonho que permanece de pé como símbolo e vocação de uma cidade, que, não podendo ir até lá, sonhava ser Paris.



Figura 14 – Prédio da Editora Dias Cardoso

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transformação da cidade industrial para serviço é percebida por escritores, estudiosos, pessoas comuns. Trata-se, como se viu, de uma expressão maior de movimento não só brasileiro, mas mundial. Na cidade, a importância do setor é evidenciada pelo aumento no número de empregos – quase que o triplo do emprego do setor industrial e no Produto Interno Bruto (PIB), especialmente no período de 2000 a 2003, em processo de crescimento.

A passarela onde se fazia o footing e se deliciavam a infância e a juventude de Murilo Mendes e Ivanir Yaszbeck, nas décadas de 30 e 60, se transforma em um mercado, um canal por onde fluem pessoas, mercadorias e muita propaganda e informação, chegando mesmo a incomodar pela agressividade com que são veiculadas, impedindo não só o desfile das pessoas pela cidade, mas também a contemplação do seu maior símbolo, o Morro do Imperador.

O passeio pela ficção e pelas obras de arte produzidas em Juiz de Fora a partir da década de 30 até os nossos dias subsidia a intenção de recontar a história oficial da cidade sob o viés do seu imaginário, contribuindo, com essa matéria um tanto subjetiva, mas não irreal, para uma reflexão sobre o futuro da cidade.

Nesse percurso, que mais se configura uma viagem ao passado, o leitor maduro e natural de Juiz de Fora terá reencontrado velhos mitos de sua infância, como o Cine-Theatro Central, O Morro do Imperador e a Academia de Comércio, descobrindo certamente muitos outros, como foram a Editora Dias Cardoso e o Monumento do Centenário na Praça da República.

Embora haja muitos, é à rua Halfeld de Murilo, de Raquel, de Christina e Yaszbeck, dos estudantes, camelôs, comerciantes, financistas, comerciários, sambistas, governadores e presidentes, é à rua Halfeld de todos nós que se rendeu maior homenagem, pelo que resume da história local e, principalmente, da sua posição de palco para o desenrolar mais flagrante do imaginário urbano. Passarela ou duto, letreiro ou galeria, é lá que Juiz de Fora se traduz e se constrói.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFONSO DE PAULA, Ricardo Zimbrão. ... **E do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais emerge a 'Manchester Mineira' que se transformou num "baú de ossos". História de Juiz de Fora: da vanguarda de Minas Gerais à "industrialização periférica".** Tese de Doutorado, CAMPINAS, 2006.

AMARAL, Lucas Marques do. **A Parreiras e seus Artistas.** Juiz de Fora: Funalfa Edições. (compact disc).

BASTOS, Suzana Quinet. Análise do Desenvolvimento Industrial e dos desafios colocados pela implantação da Mercedes-Benz. In: **XI Seminário sobre Economia Mineira**, Diamantina (MG), 2004.

_____. Tempo e Espaço nas estratégias de desenvolvimento local. Estudo de caso de Juiz de fora(MG).

FABRIS, Annateresa. **Fragmentos Urbanos: Representações Culturais.** São Paulo: Studio. Nobel, 2000.

JARDIM, Raquel. **Os Anos 40.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.

_____. **Um Reino à Beira do Rio.** Juiz de Fora: Edições Funalfa, 2004.

MENDES, Murilo. **Poesia Completa e Prosa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar AS, 1995.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, Cultura e Imaginário Urbano.** Tese de Doutorado, UFRJ, 2006.

NETO, Luciano Dutra. **Motorneiro – 48: Um passeio no tempo.** Juiz de Fora: Edições Funalfa, 2007.

PÁDUA, Pedro Coimbra. **Portal JFMG.** Disponível em: http://www.jfmg.com.br/ver.php?centro=print_artigo&dados=216&tipo=artigo. Acessado em abril de 2008.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Enredo**. Disponível em:
http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000300029&script=sci_arttext

SEVCENCO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frenéticos Anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

SILVA, Armando. **Cidade Imaginada**: Imaginários Urbanos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

YAZBECK, Ivanir. **Pobre Rua Halfeld**. Disponível em:
<http://www.acesa.com/agenda/2007-08-31-Ivanir.php>